

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL

São Paulo, 12 de março de 2009.

Prezado Professor Luciano Elia,

Escrevo-lhe na qualidade de Presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), fundada há dezoito anos, com sede atual em Campinas, São Paulo, e também motivada por seu oportuno convite ao debate acadêmico e científico sobre o tratamento ao autismo no Brasil.

A ABPMC é um grande fórum científico e profissional de reunião e discussão da abordagem comportamental no Brasil, solidamente instalado, tendo em seu banco de dados 4000 nomes de pessoas interessadas na abordagem comportamental e com um quadro atual de sócios de 1800 pessoas, reunindo pesquisadores, profissionais e alunos envolvidos com a prática e com a produção de conhecimento na abordagem comportamental (Análise do Comportamento). Dentre eles, há inúmeros sócios, sejam pesquisadores ou terapeutas, que atuam no atendimento a pessoas diagnosticadas como autistas, no desenvolvimento de programas eficazes, com fundamentação científica, que ensinam múltiplas competências a estas pessoas, seja na esfera da linguagem, seja na esfera da socialização e outras.

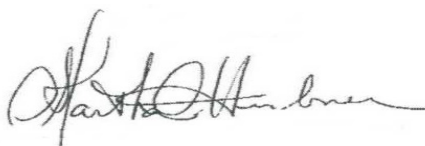
Nesse sentido, vimos esclarecer que o tratamento comportamental a pessoas com o diagnóstico de autismo é amplamente empregado no Brasil (e não apenas no EUA, como apontado em sua carta), com resultados excelentes, no tocante à melhoria na vida dessas pessoas. Obviamente que tais programas comportamentais são eficazes justamente porque não se restringem apenas ao ensino de AVD (atividades de vida diária), tal como é injustamente apontado em sua carta, indicando seu aparente desconhecimento do que se faz em autismo no Brasil na abordagem comportamental.

O professor João Claudio Todorov, também membro do conselho diretor da ABPMC, enviou-lhe recentemente uma carta e fazemos nossos os veementes protestos por ele apresentados, "por algumas inverdades e alguns exageros de suas acusações à análise comportamental aplicada (ABA, do inglês Applied Behavior Analysis)" e sobretudo pelo trecho em que o senhor caracteriza a abordagem comportamental equivocadamente como o "reducionismo comportamentalista" que "adestra crianças através de técnicas impositivas". Tal como o professor Todorov apontou, tal trecho de sua carta exhibe um inaceitável conceito do que se faça na Análise do Comportamento em autismo, seja no Brasil, seja no mundo. Inaceitável porque há um considerável volume de trabalhos publicados em grandes periódicos científicos, nacionais e internacionais, bem como livros, demonstrando a sustentabilidade científica e eficácia dos programas de intervenção comportamental a pessoas com autismo (periódicos tais como o Journal of Applied

Behavior Analysis, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Revista Brasileira de Análise do Comportamento, Coleção "Sobre Comportamento e Cognição", apenas para citar alguns). Mesmo uma breve leitura de nossos trabalhos revelaria, rapidamente, a amplitude e o alcance social das questões por nós abordadas, bem como o profundo respeito que demonstramos, em cada trabalho, à individualidade e singularidade do ser humano. Nossos programas de atendimento são, inclusive, abreviados por PEI (Programas de Ensino Individualizados). Tal como Todorov apontou, "o colega desconsidera o fato de que os Analistas de Comportamento brasileiros estão na linha de frente do desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão, destacando-se, entre outras áreas de atuação, no trabalho com crianças autistas".

Sendo assim, solicito-lhe que, em respeito à diversidade teórica, tão apregoada em sua carta, com o que concordamos, que re-encaminhe sua carta aberta para os meios em que ela circulou, fazendo as devidas correções quando há a menção à abordagem comportamental. Há termos que são, inclusive, ofensivos, tal como o verbo "adestrar", inconcebível em um diálogo de alto nível acadêmico-científico entre colegas (além de presidente da referida associação, ABPMC, sou também professora do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, desenvolvo pesquisas e programas de inclusão social também de crianças diagnosticadas com autismo e Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental da USP).

Afora este sério problema de equívoco na descrição da abordagem comportamental ao tratamento do autismo, que precisa ser urgentemente corrigido, reiteramos nossa boa vontade em participar do Fórum sobre o autismo e nos colocamos à disposição para futuros contatos.



Prof. Dra. Maria Martha Costa Hübner
Presidente da ABPMC
Biênio 2008 a 2009